



documento

O índio “traveço” em um confessionalário jesuítico tupi de 1686

Ruth Monserrat*
Cândida Barros**
Jaqueline Mota***

Objetivos

O confessionalário tupi de Antônio de Araújo, em suas duas edições (1618/1686), contém nove perguntas sobre pecados contra a castidade dirigidas aos índios “traveços”. Esse termo, no dicionário português-latim de Rafael Bluteau (1712), está definido como “mao, malicioso, amigo de fazer peças”. Como estariam representados os índios travessos no manual de penitência jesuítico em tupi do século XVII? A título de oferecer subsídios a essa questão, proporemos uma tradução desses enunciados para o português e sua comparação com o confessionalário pertencente à *Doutrina Cristã* de José de Anchieta (1992) na mesma língua.

No final do artigo, reproduziremos as perguntas em tupi com a ortografia original, a sua tradução acompanhada por interlinearização (segmentação do enunciado em morfemas) e algumas notas com remissões às perguntas do confessionalário encontradas na *Doutrina Cristã* de Anchieta, na versão editada por Cardoso (1992). Os números em colchete fazem referência aos enunciados contidos no fim do trabalho.

O trabalho é parte de um projeto de tradução e de estudo dos confessionalários tupi jesuíticos, projeto esse que visa disponibilizar, para antropólogos e historiadores, fontes missionárias que não costumam ser usadas em análises do processo de evangelização por não possuírem uma versão em português. A particularidade do confessionalário é ser um documento que permite acompanhar o diálogo entre o missionário e o penitente na situação da confissão. Ao contrário dos diálogos de doutrina, que tiveram um caráter de fórmula fixa a ser repetida pelos índios, as perguntas dos confessionalários exigiam o uso de um registro linguístico do tupi que fosse compreendido pelos índios.

Começamos pelo Sexto Mandamento, que se refere aos pecados contra a castidade, por ter sido a parte mais extensa

* Doutora em Linguística. Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assessora Linguística de vários projetos de Educação Escolar Indígena. Teve apoio do PCI/MCT (pelo Museu Goeldi) para a realização da pesquisa. E-mail: ruth.monserrat@gmail.com.

** Doutora em Ciências Sociais. Pesquisadora do Museu Emílio Goeldi. Bolsista de Produtividade do CNPq. Email: mcandida.barros@gmail.com.

*** Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: jaquemota@gmail.com

em número de perguntas do confessionalário jesuítico. Para a tradução, nos baseamos na *Doutrina Cristã* traduzida por Armando Cardoso (1992) e no *Vocabulário na Língua Brasileira*, dicionário português - tupi datado de 1621 (Ayrosa, 1938).

O foco deste artigo é o confessionalário de Araújo de 1686. Essa versão apresenta pequenas, porém significativas, mudanças em relação à edição de 1618 na forma de se referir ao corpo humano, como veremos no item 4. Como convenção, a obra de Bartolomeu de Leão será referida neste texto como “a segunda edição da obra de Araújo de 1618” ou simplesmente como “Araújo (1686)”, pois, como se sabe, o texto impresso em 1686 é uma reedição do assinado por Araújo em 1618. Grosso modo, trata-se de obras coletivas, em que é assegurada apenas a autoria institucional. Temos consciência, porém, de que - embora se trate de obras congêneres e assemelhadas, que têm como ponto de partida o mesmo núcleo base - elas não apresentam escritas idênticas, como declara seu organizador nas primeiras páginas do catecismo:

Sae de novo a luz o Catecismo Brasilico, que já no anno de 1618 a vio a primeira vez. E sae com algua variedade. Porque se trocaraõ alguns vocabulos daquela idade, que já hoje estranha o commum idioma dos Brasis, em outros, que são hoje vulgares. A escritura se emendou em orthographia mais proporcionada á locução Brasileira. No texto da Doutrina, & Diálogos he rara a alteração. [...] Finalmente tiraõse alguas exortaçoens, & praticas, que em hum perfeito catecismo abundavaõ. (Leam, 1686, p. 13).

A individualidade de cada obra é, ainda, um motivo a mais a sugerir um cotejamento entre ambas e identificar em que medida a edição de Bartolomeu de Leão revela mudanças na língua, em especial quanto ao vocabulário do campo semântico relativo ao sexo utilizado nas perguntas do sexto mandamento.

Serafim Leite informa-nos que Antônio de Araújo, professor e conhecedor do tupi, entrou na Companhia na Baía em 1582 e foi Mestre em Artes, Pregador, Superior nas Aldeias dos Índios, Professor de Humanidades e Teologia e Procurador do Colégio da Baía, e “consagrou-se então ao trabalho com os Índios, cuja língua sabia e de que foi mestre com o seu famoso *Catecismo*” (Leite, 1949, p. 60).

Bartolomeu de Leão, segundo o mesmo Leite, era brasileiro, nascido no Rio de Janeiro, tendo entrado para a Companhia em 1658, aos 17 anos. Foi missionário, professor de Letras Humanas em Santos, “trabalhou com os Índios e sabia admiravelmente a língua brasileira” (Leite, 1949, p. 313).

Uma versão impressa do confessionalário tupi jesuítico

O confessionalário de Antônio de Araújo (1566-1632) faz parte do *Catecismo na lingua brasilica* impresso em 1618 e em 1686. Além do confessionalário,

o catecismo contém diálogos de doutrina, orações, canções, cerimoniais de batismo e de casamento, além de textos auxiliares para a confissão, como listas de parentesco. A obra impressa reúne textos já em uso ao longo da costa, desde o século XVI, como menciona o prólogo (“nesta lingua antigamente compuserao alguns Padre doctos, & bons lingua”). Essa edição impressa exerceu o papel de texto oficial da evangelização jesuítica em tupi durante o século XVII.

As edições de Araújo ocorreram em conjunturas políticas de crise em relação à presença da Ordem na região norte. As duas impressões podem ser interpretadas como instrumentos para assegurar sua presença na evangelização dos índios. A primeira edição ocorreu logo em seguida à escolha dos franciscanos em 1618 (Saragoça, 2000, p. 263) como ordem religiosa responsável pela evangelização dos índios da região. A edição de 1618, feita “a custa dos Padres do Brasil”, fixava o formulário da evangelização naquela área antes da Ordem ser admitida.

Agora para que os que escolhem para operários da altíssima empresa da salvação dos poucos índios, [...] tenham com que os possam aperfeiçoar, e reduzir os muitos, que o novo descobrimento do Maranhão lhe está oferecendo, ordenou por via do Padre Provincial Pedro de Toledo [...] se imprimisse o catecismo. (Araújo, 1618, quarta folha não numerada).

A segunda edição do catecismo de Antônio de Araújo, organizada por Bartolomeu Leão (1641-1715), foi feita após a segunda expulsão dos jesuítas da região norte pelos colonos em 1684. O padre Felipe Bettendorff, após ter sido expulso, foi para a Bahia e depois para Portugal, onde ficou encarregado de acompanhar, na oficina de Miguel Deslandes, a impressão do catecismo, enquanto negociava o retorno da Ordem à região. Além da obra de Araújo, Bettendorff foi responsável pela reedição da gramática de Luis Figueira e de outro catecismo, de sua própria autoria, com alguns formulários pastorais em tupi para uso no norte (Bettendorff, 1687). Nesse último catecismo, não há um confessionalário, o que permite supor que o texto de Araújo teria sido a versão utilizada na confissão dos índios na região norte.

A formação de categorias de penitentes nos confessionalários

O confessionalário era um gênero textual auxiliar do confessor durante o diálogo com o penitente. A interação verbal entre ambos estava organizada por meio de técnicas de conversação voltadas a orientar o confessor no conteúdo de suas perguntas e na forma de avaliar as penas ou a absolvição. Uma das técnicas conversacionais propostas ao confessor era que ele deveria levantar as circunstâncias nas quais o penitente teria cometido o pecado. As circunstâncias eram esquematizadas em sete critérios:

Não se pode, pois, conhecer bem os diferentes graus de malícia que se encontram nos pecados, sem examinar as circunstâncias. Estas se podem reduzir a sete principais contidas neste verso: quem, o que/com quem, onde, com que auxílio, por que, de que modo, quando. (Petite, 1817, p. 55).¹

Determinar quem era o penitente era uma das questões centrais que o confessor deveria definir (“Quem denota a qualidade da pessoa que pecou, se é sabia, ou ignorante, casada, ou não casada, leiga ou consagrada a Deus” [Petite, 1817, p. 55])². Foi essa necessidade de definir os penitentes que fez surgir nos confessionários seções com perguntas específicas. Nos confessionários tupi coloniais, a única seção na qual há distinção de tipos de penitentes é no Sexto Mandamento. Uma das poucas exceções acha-se no confessionário manuscrito contido no *Vocabulário da língua brasílica* de 1751, utilizado no Pará, em que o confessor reserva seis perguntas referentes ao tema do aborto, direcionadas especificamente às índias (Anônimo, 1751, fólhos 81 e 81v).

As categorias femininas de penitentes foram as primeiras a se formarem na história do confessionário tupi. Na *Doutrina Cristã* de Anchieta, houve separação entre perguntas específicas para as *mimboáia* (mulheres servas que trabalhavam na casa dos colonos) e para as mulheres casadas. As demais perguntas são dirigidas a homens, sem distinção.

Em Araújo, há 38 perguntas gerais que poderiam ser direcionadas tanto para homens como para mulheres, mas que foram registradas na versão masculina. Elas estão divididas em quatro categorias de penitentes. Entre os homens, havia os travessos (nove perguntas) e os casados (nove perguntas). Entre as mulheres, estavam as devassas (17 perguntas) e as casadas (oito perguntas). A categoria de índio travesso não trazia perguntas idênticas àquelas feitas às mulheres devassas. Uma versão do confessionário tupi de 1751 em uso nas missões do Pará traz apenas a organização de duas séries de perguntas, para homens e mulheres indistintamente.

Nos três confessionários (Anchieta, Araújo e 1751), houve sempre mais perguntas para mulheres do que para homens e, portanto, um esforço maior de definição de condutas femininas do que masculinas.

Em termos gerais, Araújo e Anchieta fazem perguntas sobre as seis modalidades de “luxúria” (fornicação simples, adultério, incesto, estupro, rapto e pecados contra a natureza) (Azpilcueta Navarro; Porto, 1560) e sobre as formas de ação, palavra e pensamento. A diferença entre eles residia na atribuição

¹ No se pueden, pues, conocer bien los diferentes grados de malicia que se hallan em los pecados, sin exâminar las circuntancias. Estas se pueden reducir á siete principales contenidas en este verso: Quis, quid, ubi, quibus auxiliis, cur, quomodo, quando (Petite, 1817, p. 55).

² *Quis*, denota la cualidad de la persona que pecó, si es sabia, ó ignorante, casada, ó no casada, lega, o consagrada á Dios (Petite, 1817, p. 55).

das diferentes formas de pecado a diferentes tipos de penitentes. Algumas perguntas “para travessos” em Araújo [2, 3 e 7] foram extraídas de Anchieta, mas nesse último os enunciados dirigiam-se genericamente aos homens.

Os pecados dos índios travessos em forma de ação, pensamentos e palavras

Dentre as circunstâncias dos pecados do penitente, outra exigência da técnica de confissão era determinar com quem o penitente tinha pecado (“O que denota [...] a qualidade da pessoa ofendida, se é padre, Sacerdote etc.” [Petite, 1817, p. 55])³. No caso do índio travesso, as perguntas do confessor estabeleciam quatro categorias de pessoa, com a qual o penitente cometia os pecados: *cunhã* (mulher), *temericó* (esposa), *abá* (*gente*), *abá angaipába* (pecador).

A figura recorrente foi a de *cunhã* [perguntas 3, 4, 5, 6 e 8], termo neutro usado para designar mulher, mas que na confissão adquire o sentido de parceira ilegítima, em oposição à *temericó*, que tem o sentido de esposa legítima. Esse último termo foi incluído em uma só pergunta [1]. O termo *abá* - gente, pessoa - ocorre em três perguntas [1, 2 e 9]. Uma delas na locução *abá angaipába* (pessoa pecadora, pecador) [2].

Entre as modalidades de pecado contra a castidade, algumas das ações do índio travesso se enquadrariam no rótulo de “pecados contra a natureza”, como nos casos de sodomia e “molície”. Este último termo foi definido por Azpilcueta Navarro, autor de um confessionário muito popular no século XVI, como:

Se procurou cair em poluição, ou se deleitou com ela, vindo-lhe sem procurar, ou podendo, devendo impedir que não lhe viesse sem, não a impedio, ou se pos em perigo provável para que lhe viesse, por ocupar a vontade em deleitação da carne, em conversações e tocamentos [...] este pecado chamasse molice, um dos pecados contra natureza. (Azpilcueta Navarro; Porto, 1560, p. 187).⁴

Para o teólogo Francisco Lagarra (1735), as espécies de pecado contra a natureza eram “poluição, sodomia, bestialidade e diversas posições do corpo” (Lagarra, 1735, p. 343-344)⁵. O índio travesso em Araújo pecaria contra a natureza de três maneiras: poluição (provocada pelos tocamentos), sodomia e posição sexual diversa daquela preconizada como correta para a fecundação.

³ *Quid*, denota [...] la cualidad de la persona ofendida, si es padre, Sacerdote, etc.” (Petite, 1817, p. 55).

⁴ “Se procurou cayr em polluição, ou se deleytou nella, vindolhe sem a procurar, ou podendo, devendo impedir q não lhe viesse, não a impedio, ou se pos em perigo provável përa que lhe viesse, por ocupar a vontade em deleitação da carne, em conversações e tocamentos [...] este peccado chamase mollicies, hum dos peccados contra natura (Azpilcueta Navarro, 1560, p. 187).

⁵ “*pollutio, sodomia, bestialitas, & diversa corporum positio*” (Lagarra, 1735, p. 343-344).

Sodomia é um tema presente nos três confessionários (Anchieta, Araújo e 1751). Anchieta e Araújo traduzem essa modalidade amorosa com base no item lexical *tebira* (nádega), referido também em Léry “quando discutem, se insultam de Tyvire, o que quer dizer sodomita” (Léry, [1578] 2009, p. 219). Em Araújo, ao índio travesso se pergunta se ele foi ativo *eremotibi* (você penetrou) ou passivo *ndemotibi* (te penetraram) [9].

Quanto à molície, três verbos tupi foram empregados para se referir às formas de toque entre corpos: *-iuban* (abraçar) [7], *pococ* (tocar) [6] e *momoranga* (“brincar desonestamente”) [7]. *Pococ* era traduzido como apalpar, bolir. *Momoranga* está no dicionário de 1621 como brincar desonestamente e se diferencia de “brincar, o folgar dos meninos *-nhemoçaray*) (Ayrosa, 1938). O uso da expressão “desonestamente”, nas fontes jesuíticas, está sempre relacionado à luxúria.

Em relação às formas de menção ao corpo humano, há uma diferença de estilo linguístico entre o primeiro e o segundo textos de Araújo. A edição de 1686 eliminou algumas referências aos órgãos genitais presentes na primeira versão. Por exemplo, na pergunta 6, o texto 1618 empregava o termo *rapope* (vagina). Porém, em 1686, esse termo foi substituído por *corpo* (*rete*). Também nas perguntas dirigidas às mulheres devassas, a segunda edição substituiu os termos referentes aos órgãos genitais (Araújo, 1687, p. 235, pergunta 8). Na versão de 1686, há apenas uma referência ao pênis (*taco*) na pergunta [7] para travessos.

Em relação ao índio travesso, outra forma de transgressão era ter a mulher sobre si durante a cópula [8]. Há outras perguntas em Araújo e Anchieta com proibições a esta posição da mulher na relação sexual. Em Araújo, duas perguntas para a índia devassa fazem referência a essa posição.

Ereiúbpe nde agoaçã árybo nde recê cecóreme? (Araújo, 1686, p. 235, pergunta 6)

Você deitou por cima do seu mancebo quando ele estava copulando contigo?

Nde aruãípe nde rapixâra arybo eiûpa? (Araújo, 1686, p. 235, pergunta 10)

Você burlou estando você deitada em cima do seu próximo?

Em Anchieta há uma pergunta que faz referência a essa interdição (Cardoso, 1992, p. 95, pergunta 72)

Outra circunstância importante na técnica da confissão era determinar o local dos encontros amorosos (“*Onde* denota a qualidade do lugar em que se cometeu o delito, se é santo ou profano, público ou particular” [Petite, 1817, p.

55])⁶. Há referência apenas ao mato (*nhambiara*) [3]. Essa pergunta foi retirada de Anchieta (Cardoso, 1992, p. 91, pergunta 34).

Os pecados por pensamentos precisavam de averiguação pelo confessor para saber se teria havido intencionalidade na ação ou deleite em praticá-la. Essa esfera de pecado por pensamento encontra-se explicitada nas perguntas aos índios travessos pelo uso dos termos *roryb* (alegrar-se) [1], *putubab* (maravilhar-se) [4] e *nhemomota* (desejar) [6]. O confessor queria saber se o penitente falava com satisfação sobre as coisas sujas que dizia à mulher [1], ou se tinha desejos sexuais ao tocar um corpo de mulher [6], ou se ficava extasiado ao ver uma mulher [4]. Tais circunstâncias seriam agravantes dos pecados.

Por fim, cinco perguntas dentre as nove endereçadas ao travesso se referem aos pecados por palavras, nos quais o penitente praticava ações verbais jocosas com temas sexuais. Esse seria um traço da categoria de penitente travesso nas perguntas jesuíticas. Os itens lexicais empregados nesses casos eram: *e* (dizer), *nheeng* (falar), *mombeu* (contar), *möerapoân* (difamar) e *cotiar* (tornar-se amigo ou conversar).

E (dizer) foi sempre usado para reproduzir citações diretas dos índios no interior da pergunta. O confessor reproduz um enunciado em que as marcas gramaticais de primeira pessoa singular se referem ao penitente e não ao confessor [1, 4, 7]. O uso de perguntas com citações diretas está presente com muita frequência em Anchieta e se manteve em Araújo. Duas das perguntas incluem a partícula *mã*, que expressava uma forma de realce [1 e 4]. Abaixo alguns enunciados retirados de Anchieta com citações diretas.

“Asótémo akuéia posé mã!” erépe amó repiáka? (Cardoso, 1992, p. 93, pergunta 49)

“Oxalá eu vá com aquela!” disseste tu, olhando alguma?

“Aipotaté ké kuñã mã! asó témo sakypuéri, ipýri” erépe? (Cardoso, 1992, p. 93, pergunta 50)

“Oxalá eu queira aqui mulher! Iria atrás e junto dela”, disseste tu?

Na pergunta [1], há referência a dois enunciados do penitente: ele teria contado com alegria para uma pessoa (*abá*) que fazia uso de palavras sujas (*poxy*) com a esposa.

Os sentidos dados pelo autor do “Vocabulário na Língua Brasília” em 1621 (Ayrosa, 1938) para *mombeu* foram “confessar por descobrir”, e no caso de *mombeu aib* (sinônimo de *moerapoan*), difamar. *Mombeu* foi também o radical usado para confessar sacramentalmente.

⁶ *Ubi*, denota la calidad del lugar en que se cometió el delito, si es santo, ó profano, público, ó particular (Petite, 1817, p. 55).

Cotiar [2], que significa se tornar amigo, está também referido na obra de 1621 como marcado pela comunicação, conversação com alguém (Ayrosa, 1938, p. 163).

Conclusão

Algumas das perguntas da seção referente aos travessos no confessionalário de 1618/1686 foram retiradas do texto de Anchieta, porém configurando, nessas edições, uma identidade particular de penitente masculino, o travesso. Para compreender essa identidade de penitente, pode ser útil recorrer ao dicionário de Bluteau. Nessa obra, o termo malicioso apresenta dois sentidos. Um deles seria o de uma pessoa má ou maligna, e o segundo, o de “travesso”, ou “engenhoso em fazer peças”. O perfil do índio travesso se enquadraria nesse segundo sentido devido às várias perguntas referentes a sua participação em atos verbais jocosos cuja intenção é seduzir uma mulher.

Perguntas direcionadas ao índio “traveço” no confessionalário de Antônio Araújo (1686)

1. *Xeremirecó, erépe abá çupé, aipó nhëéng poxy recé nde rorybamo?*

xe r-emirekó ere-é pe abá supé aipó nheéng poxy r-esé nde r-orýb.amo
eu rel-esposa 2sg-dizer perg alguém para aquilo palavra sujo rel-por tu rel-
estando_alegre

“É minha esposa”, disseste para alguém, alegrando-te com as palavras sujas [ditas para ela]?

Presença de uma citação direta (*Xeremirecó [...] aipo nheeng poxy rece*). Uma agravante desse pecado teria sido a alegria (*roryb*) do penitente ao praticá-lo.

2. *Ereiecotyápe abá angaipâba recé?*

ere-je.kotyá pe abá angaíb.áb.a r-esé
2sg-tornar-se_amigo perg alguém pecado rel-por
Te tornaste amigo de um pecador?

Há uma pergunta igual no confessionalário de Anchieta (Cardoso, 1992, p. 92, pergunta 36), direcionada a homens indistintamente.

3 *Ereguatápe nhaibiâra rupí, cunhã recé?*

ere-guatá pe ñambiâra r-upí kuñã r-esé
2sg-andar perg mato rel-por mulher rel-por

Passeaste pelo mato com uma mulher?

A pergunta reproduz Anchieta (Cardoso, 1992, p. 91, pergunta 34).

4 *Cunhã có cecóu mã erépe amó repiâca, cecé ndé putupábamo?*

kuñã kó s-ekó.u mã ere-é pe amó r-epiák.a s-esé nde putupáb.amó
mulher isto 3rel-ser realce 2sg-dizer perg algum rel-olhando 3rel-por tu
maravilhar-

“Isso é que é mulher”, disseste, olhando uma [mulher] e maravilhando-te com ela?

Presença de uma citação direta com partícula de realce.

5 *Ereimombëúpe cunhã recé nde recó poxyagoêra, imöerapoâna?*

ere-i-mombeu pe kuñã r-esé nde r-ekó poxy-aguér.a i-möerapoân.a
2sg-3rel-contar perg mulher rel-com tu rel-conduta sujo-passado 3rel-difa-
mando

Contaste [a outros] sobre teus atos libidinosos com [uma] mulher, difamando-a?

Há uma pergunta similar em Araújo (1987, p. 233, pergunta 33) direcionada para os homens em geral (**Ereimombëúpe nde angaipâba, coipó cunhã recé nde pocópococagoêra abá çupe, nde rorybamo?**) (*Você contou para gente com alegria dos seus pecados ou das suas frequentes apalpadelas à mulher?*)

6 *Ereipocócpe cunhã reté recé, cecé enhemomotá?*

ere-i-pokók pe kuñã r-eté r-esé s-esé ere-je.momotá
2sg-3rel-apalpar perg mulher rel-corpo rel-por 3rel-por 2sg-cobiçando
Tocaste o corpo de uma mulher, cobiçando-a?

Essa pergunta na segunda edição de Araújo traz modificações em relação à primeira edição. Na segunda o termo referente ao membro genital feminino *rapopé* foi substituído por *corpo (rete)*. Uma pergunta similar a essa está em Anchieta (**Erepokókpe amó rapopé resé, imojaruábo?** *Tocaste nas virilhas de alguma, brincando com ela?*) (Cardoso 1992, p. 89, pergunta 11).

7 *Nã tacó iomomorânga rëá erépe iiaiubâna?*

nã takó jo-momorâng.a rea ere-é pe i-ajubán.a
assim genitais recíproco-acariciando deve_ser(masculino) 2sg-dizer perg.
3rel-abraçando

“Assim acariciamos mutuamente as [nossas] virilhas, disseste, abraçando-a?”

Essa pergunta pode ser interpretada como sequência da anterior por não ter explicitada a pessoa com quem o penitente teria praticado a ação – provavelmente a *cunhã* da pergunta 6, referida pelo morfema para terceira pessoa (*i-*). O confessor faria essa pergunta se o penitente tivesse respondido afirmativa-

mente à anterior. Nesse caso, o padre procurava detalhar as circunstâncias. *Taco* se refere ao órgão genital masculino, que traduzimos como virilhas, seguindo Cardoso (1992), devido ao uso da forma para recíproco *yo-* com a raiz *momoranga*, o que incluiria tanto o penitente como a mulher. Ambos teriam se acariciado mutuamente. A pergunta similar em Anchieta foi dirigida a uma *mimboia* (“**Nã takó jomomoránga rei!**” **erépe, nde rapixára kuájubána, nde poropotápokyrânamo?** “Assim nos acariciamos as virilhas”, disseste, abraçando teu próximo pela cintura, querendo excitar tua sensualidade? (Cardoso 1992, p. 96, pergunta 85). Também na seção de mulher devassa, há um enunciado parecido, mas com a substituição do termo referente a *taco* por *rete* (corpo): **Nã tecó iomomoránga erépe nde rapixára aiubána, nde aruáíbamo?** *Assim copulamos, nos acariciamos (“brincar desonestamente”), você disse abraçando o próximo e burlando?* (Araújo, 1686, p. 235, pergunta 9)

8 Ereimonhenóngpe cunhã nde árybo cecé eicôbo?

ere-i-mo-je.nong pe kuñã nde áry.bo s-esé e-ikó.bo

2sg-3rel-caus-estender-se perg mulher tu em_cima 3rel-por 2sg-copulando
Você fez deitar uma mulher sobre si, ao copular?

Na seção de mulheres devassas em Araújo, há uma pergunta similar (Araújo, 1686, p. 235, pergunta 6).

9 Ereimotibírpe abá, coipó nde motibírpe abá?

ere-i-mo-tebíra pe abá koipó nde mo-tebíra pe abá

2sg-3rel-caus-nádegas perg alguém ou tu caus-nádegas perg homem

Meteste no traseiro de alguém ou alguém te meteu no traseiro?

Em Anchieta, o confessor indaga se o penitente havia sido o parceiro passivo (**Ereikópe tebíra amó resé?** *Estiveste por de trás de alguém?* (Cardoso, 1992, p. 91, pergunta 29). Na versão sobre sodomia, na segunda edição de Araújo, ele se refere a ambas as posições, ativo e passivo. Ocorre que o termo *abá* na primeira parte da pergunta pode se referir tanto a um homem como a uma mulher, enquanto na segunda parte esse termo só pode se referir inequivocamente a um homem. Ou seja, o pecado de sodomia, para os missionários, abrangeria também as relações heterossexuais.

Abreviaturas

2sp. Segunda pessoa singular

Caus. Causativo

Perg. Pergunta

Rel. Relacional

Referências

ANCHIETA, José de. *Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Edição fac-similar. Obras completas. São Paulo: Edições Loyola, 1990. [1. ed. 1595]. 11 v.

_____. *Doutrina cristã*. Tomo 2: Doutrina autógrafa e confessorário. Obras Completas 10º vol. Introdução histórico-literária, tradução e notas de Armando Cardoso. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

ARAÚJO, Antônio de. *Catecismo na Língua Brasílica, no qual se contem a summa da doutrina christã. Com tudo o que pertence aos Mystérios de nossa sancta Fè & bõs costumes. Composto a modo de Dialogos por Padres Doctos, & bons lingoas da Companhia de IESUS*. Agora novamente concertado, ordenado, & acrescentado pello Padre Antonio d' Araujo Theologo, & lingua da mesma Companhia. Em Lisboa por Pedro Crasbeeck, ãno 1618. A custa dos Padres do Brasil. Utilizamos a versão recente: ARAÚJO, Padre Antônio de. *Catecismo na Língua Brasílica*. Reprodução fac-similar da 1ª edição (1618), com apresentação pelo Pe. A. Lemos Barbosa, professor de Língua Tupi na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1952.

AZPILCUETA NAVARRO, Martin; PORTO, Rodrigo do. *Manual de confessores & penitentes*. Coimbra: Ioannes Alvarez, 1560. 2 v.

AYROSA, Plínio. *Vocabulário na língua brasílica*. Manuscrito português-tupi do século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa. São Paulo: Departamento de Cultura, 1938.

BARBOSA, A. Lemos. *Curso de Tupi Antigo. Gramática, Exercício, Textos*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

BETTENDORFF, João Felipe. *Compêndio da Doutrina Christã na Língua Portuguesa e brasílica* Lisboa: Imprensa Miguel Deslandes, 1687.

_____. *Crônica dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Belém: Secult, 1990.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez e latino*. Rio de Janeiro: UERJ, CD-ROM. [1. ed. 1712]. Disponível em: <<http://www.ieb.usp.br/online/>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

LAGARRA, Francisco. *Promptuario da Theologia Moral, muito util, e necessario para todos os que se quizerem expor para Confessores, e para a devida administração do Santo Sacramento da Penitencia*. Composto pelo Muito Reverendo Padre Fr. Francisco Lagarra, Regente da Universidade de Santiago de Pamplona, da Ordem dos Prégadores. Com todas as Proposiçoens condenadas até o tempo do Pontificado do Santissimo P. Clemente XI, explicadas pelo mesmo Author. Traduzido de Castelhana em Portuguez pelo Padre Manoel da Sylva Moraes, e nesta ultima impressãõ correcto, e emendado com muita diligencia, e cuidado: e acrescentado com os Tratados da Bulla da Cruzada concedida a este Reyno; o dos Monitorios, e o dos Casos reservados nos Bispados: e algumas advertencias tiradas de varios Autores Moralistas, muito uteis, e necessarias aos Confessores, e penitentes. Coimbra: Na Officina de Antonio Simoens Ferreyra. Anno de MDCCXXXV. Com todas as licenças necessarias, 1735.

LEAM, Bertholameu de. *Catecismo Brasilico da Doutrina Christã, com o cerimonial dos Sacramentos & mais actos Parochiais. Composto por Padres Doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado & dado à luz pelo P. Antonio de Araujo. Emendado nesta segunda impressão pelo P. Bertholameu de Leam da mesma Companhia.* Lisboa: Na officina de Miguel Deslandes, MDCLXXXVI, 1686.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Tomo VIII . Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Livraria Civilização Brasileira. Lisboa: Livraria Portugalã. Versão recente: LEITE, Serafim, 2000. *História da Companhia de Jesus no Brasil.* Volume número 208 da Coleção Reconquista do Brasil, 2ª série. Belo Horizonte: Itatiaia. Edição Comemorativa dos 500 anos da Descoberta do Brasil, 1949.

LÉRY, Jean [1578]. *História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América.* Trad. Maria Ignez D. Estrada. Rio de Janeiro: Betel, Fundação Darcy Ribeiro, 2009. Coleção Franceses no Brasil – Séculos XVI e XVII.

PETITE, Anselmo. *Conducta de confesores en el tribunal de la penitencia según las instrucciones de San Carlos Borromeo y la doctrina de San Francisco de Sales.* Madrid: Edición 4. imp. corr. Viuda. de Barco López, 1817 [1. edição 1739]. SARAGOÇA, Lucinda. *Da Feliz Lusitânia aos confins da Amazónia (1615-62).* Lisboa/Santarém: Edições Cosmos/ Câmara Municipal de Santarém, 2000.

Fontes Manuscritas

ANÔNIMO. *Dicionario da Lingua Brazilica.* Manuscrito 94. Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra, [s.d.].

ANÔNIMO. *Diccionario da Lingua geral do Brasil que se falla em todas as villas, lugares e aldeas deste vastissimo Estado. Escrito na Cidade do Pará.* Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1771.

ANÔNIMO. *Gramática da Língua Geral do Brazil. Com hum Diccionario dos vocabulos mais uzuaes para a intelligencia da dita lingua.* Manuscrito 69. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1750.

ANÔNIMO. *Prosodia. Dicionario da língua falada por índios do Brasil.* Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, [s.d.].

ANÔNIMO. *Vocabulário da língua brasílica.* Original. Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Manuscrito. 180p. Pará, 1751.

Recebido em 7 de abril de 2010

Aprovado para publicação em 11 de maio de 2010